

• ENSAYOS

VOCABULÁRIO DE MONTEIRO LOBATO EM DUAS DE SUAS OBRAS DESTINADAS À CRIANÇA

Maria Zélia Borges*

Resumo: Este trabalho se propõe estudar, em obras de Monteiro Lobato – *Emília no país da gramática* e *O Minotauro* –, a atenção dada pelo autor ao léxico, seus achados em neologismos, seu cuidado quanto à terminologia a par da extravagância de suas definições.

Palavras-chave: Vocabulário; exatidão; liberdade.

■ O presente estudo foi prometido como segunda parte de artigo incluído no primeiro número desta revista, como prova da postura de Monteiro Lobato relativamente à língua portuguesa falada no Brasil. Objetiva verificar, em seu vocabulário, o cuidado quanto à Terminologia – ciência cuja tarefa básica é nomear – e à Lexicografia – cuja tarefa básica é definir. Pretende observar como esse autor se havia num tempo em que, em nossas plagas, pouco se teorizava nestas disciplinas. Entende-se por Terminologia, tal como se lê em Barbosa (1991, p.185), “um conjunto de palavras técnicas ou científicas, que ... constituem o vocabulário específico de uma ciência, de uma tecnologia, de um pesquisador ou grupo de pesquisadores, ou de uma área do conhecimento”. Monteiro Lobato não realizou tarefa de prática terminológica, enquanto “processo de criar, recuperar e agrupar os termos que integram a metalinguagem científica ou tecnológica” (ibidem, p.185); tampouco se propôs fazer Lexicografia

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

enquanto “tecnologia de compilação, classificação, análise e processamento de palavras da qual resulta a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos e vocabulários especializados” (ibidem, p.184).

Para cumprir seu objetivo, o presente estudo analisa alguns elementos do conjunto/vocabulário de Monteiro Lobato em duas de suas obras destinadas à criança – *Emília no país da gramática* e *O Minotauro*: a primeira está classificada entre os livros onde predomina uma finalidade didática; a segunda, entre aqueles considerados literários, onde há uma história livre, às vezes combinada com um propósito de instruir. Procura ver como o autor cumpria as tarefas de nomear, usando a palavra exata, o nome mais adequado, e de definir, sem lançar mão da conceituação já consagrada, mas valendo-se de sua própria definição. Isso, é claro, sem executar uma obra terminológica ou lexicográfica propriamente dita.

Emília no país da gramática, publicado em 1934, parece realizar seu sonho de ser gramático. *O Minotauro*, publicado em 1939, parece ser um dos livros capazes de realizar outro sonho do autor que escrevia a Godofredo Rangel: “Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar” (Lobato, 1964, p.293). Desses dois livros¹ serão destacados exemplos daquilo que mais de perto interessa no presente estudo: a busca de exatidão ao nomear a par de uma liberdade, muitas vezes extremada, ao definir.

Alguns dos preceitos da gramática da Emília mostram bem que, de fato, seu autor não era gramático, como se depreende das falhas apontadas por Pimentel Pinto (1978):

- Definições pouco corretas: “Som oral quer dizer som produzido pela boca. Uma família de palavras chama-se Oração” (Grm., p.8 e 48). “Lexeologia é a zona onde todas as palavras vivem soltas” (Grm., p.48). Tais assertivas fogem bastante do que possa pretender, hoje, uma definição lexicográfica.

- Fundamentação em conceitos relativos a questões de língua já ultrapassados na época de Lobato: “As palavras também nascem, crescem e morrem como tudo mais” (Grm., p.12); “verbo serve para indicar o que os substantivos fazem” (Grm., p.25). Incorre também nessa falha a identificação de gênero com sexo, na explicação de Quindim: “estes senhores Nomes estão divididos em dois gêneros, o Masculino e o Feminino, conforme o sexo das coisas ou seres que eles batizam”. Diante do questionamento de Emília que pergunta: “Por que razão Panela é Nome feminino e Garfo, por exemplo, é Masculino? Panela ou Garfo têm sexo?”, o rinoceronte gramático responde: “Isto é uma das maluquices desta cidade. Já em Anglópolis não é assim. Há lá mais um gênero, o Gênero Neutro, para todas as palavras que designam coisas sem sexo, como panela e garfo” (Grm., p.17).

- Ufanismo descabido, de fato, bairrismo: Portugal é “o bairro antigo, a cidade velha; o Brasil é o grande bairro da Brasilina (a língua), a cidade nova e ainda há de acabar uma cidade maior que a outra” (Grm., p.15). Narizinho afirma que “na cidade nova se fala mais direito que na cidade

¹ Para facilitar a identificação das duas obras de onde se extraem as citações, no lugar da data de edição serão usadas as abreviaturas Grm., para *Emília no país da gramática*, e Mnt.,

para *O Minotauro*. Os números indicadores de páginas da primeira obra referem-se todos à 39ª ed. (1994) e da segunda, à 36ª ed. (1997), ambas da Brasiliense.

velha”. Entretanto, nessa mesma obra, os brasileirismos, bem como os provincianismos e os neologismos são colocados entre os vícios de linguagem (Grm., p.52-3). Somente os brasileirismos são vistos pela Dona Sintaxe como um vício que “já se reabilitou e anda solto pela cidade nova. Só não tem licença de aparecer na cidade velha” (Grm., p.52). É também bairrista a afirmação de Emília, diante da incredulidade do pastor quanto à possibilidade de criaturas mortais subirem ao monte Olimpo: “Bem se vê que não nos conhece, pastorzinho! Não somos criaturas iguais às comuns. Somos do Picapau Amarelo, entende?” (Mnt., p.50).

A constante preocupação de Lobato com os pronomes aparece também na gramática da Emília. Limita-se, nela, a classificá-los sem atentar para as regras de uso. Fala sobre as três possibilidades de colocação, considerando a mesóclise “mais elegante”. Dá a Emília a chance de explicá-la por comparação. Assim, diante da explicação de Dona Sintaxe – “Abro o Verbo e ponho o Pronome dentro” –, a boneca retruca: “Tal qual Tia Nastácia costuma fazer com os pimentões. Abre os coitados pelo meio, tira as sementes e enfia dentro uma carne oblíqua”. Diante do comentário de Narizinho: “Quanta complicação para dar dor de cabeça nas crianças!”, Emília responde, gargalhando: “Estou me lembrando dos pimentões Mesoclíticos que tia Nastácia faz sem saber...” (Grm., p.50).

Pela voz de Pedrinho, condena os métodos de ensino da gramática. O menino diz para a avó: “Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende” (Grm., p.7). Encontram-se ainda outros momentos de expressa rejeição à gramática, de referência caricata aos gramáticos:

esse paquiderme é um grandessíssimo gramático.

– Com aquele cascão todo?

– É exatamente o cascão gramatical – asneirou Emília. (Grm., p.8)

...os senhores gramáticos são uns sujeitos amigos de nomenclaturas rebarbativas (Grm., p.11) (Grifo de Lobato)

▪ “Os gramáticos, apesar de toda a sua importância, não passam de ‘grilos’ da língua” (Grm., p.26). *Grilo* está registrado no *Aurélio* (Ferreira, 1999) como “Bras. SP”, com o significado de guarda de trânsito.

▪ “Há certos gramáticos que querem fazer a língua parar num certo ponto, e acham que é erro dizermos de modo diferente do que diziam os clássicos” (Grm., p.45).

Com o capítulo referente à Etimologia (Grm., p.34-6), e algumas observações às páginas 37-8, Lobato realiza antigo desejo de escrever uma gramática histórica. Sua admiração pela matéria só desaparece em questões de ortografia, postulando a substituição da ortografia etimológica por outra, mais fonética. Aqui, põe Emília em franca discussão com a Ortografia Etimológica. Apesar de seu gosto pela história das palavras, não deixa de usar expressões desairosas ao levar suas personagens para a residência de Dona Etimologia: “Encontraram lá uma velha coroca, de

nariz recurvo e uma papeira – a papeira da sabedoria. Encontraram-na com a casa entupida de filólogos, gramáticos e dicionaristas”. Então, Pedrinho, olhando pelo buraco da fechadura, exclamou: “Chi!... Está ‘assim’ de carranças lá dentro” (Grm., p.36). Ora, carranças são “pessoas apegadas ao passado”. E Lobato os distingue bem dos clássicos, fazendo Dona Etimologia afirmar:

Os entendidos chamam clássicos aos escritores antigos, como o Padre Antônio Vieira, Frei Luís de Sousa, o padre Manuel Bernardes e outros. Para os carranças, quem não escreve como eles está errado.

Mas isto é curteza de vistas. Esses homens foram bons escritores no seu tempo. Se aparecessem agora seriam os primeiros a mudar ou adotar a língua de hoje, para serem entendidos. (Grm., p.45-6) (Grifos de Lobato)

Ainda a propósito da irreverência ou “sapequice gramatical” (Grm., p.39) de Emília, que Lobato chama de “torneirinha de asneiras” (Grm., p.34) e Dona Etimologia chama de “pocinho de *It*” (Grm., p.45), vale a pena rever algumas de suas definições, explicações ou conclusões, primorosas quanto ao desrespeito à cortesia e à Lexicografia:

- Quando Quindim explica arcaísmo: “Arcaico quer dizer coisa velha, caduca”, a boneca conclui: “Então, Dona Benta e tia Nastácia são arcaísmos!” (Grm., p.12).

- Em resposta a uma pergunta de Quindim: “Qual será a coisa mais insignificante do mundo?” responde: “Cuspo de micróbio!” (Grm., p.16). E mais adiante retruca à pergunta Pedrinho: “Tostão não é dinheiro; é cuspo de dinheiro” (Grm., p.17).

- Quando Quindim explica: “Estes Nomes compostos formam-se de dois Nomes Simples, encangados que nem bois”; Emília acrescenta: “Parecem bananas incões” (Grm., p.17).

- Emília chama os acentos de “bolostroquinhas dispensáveis” e de “pulgas que só servem para nos tomar tempo” (Grm., p.62). Bolostroca, segundo Nascentes (1972), significa “pequena bola”, e “pulga” conota insignificância incômoda.

- Quando o Verbo Ser diz a respeito das preposições: “Estas senhoritas servem para ligar outras palavras entre si, ou para *ligar* uma coisa que está atrás a uma que está adiante. O Advérbio *modifica*; a Preposição *liga*”, Emília conclui: “Quer dizer que são os barbantes, as cordinhas da língua” (Grm., p.32) (Grifos de Lobato).

- Também Pedrinho tira conclusão parecida com as de Emília, ao falar de palavras híbridas: “Híbrido, que eu sei, é o burro e a mula, filhos de jumento e égua. Será que estas palavras são as mulas da língua?” (Grm., p.43).

- E Lobato, enquanto narrador, diz da palavra *anticonstitucionalissimamente*: “espichada no chão que nem jibóia, sucuri verbal” (Grm., p.47).

Vale a pena rever também algumas definições encontradas em *O Minotauro*:

- São de Emília as definições de calças: “dois canudos para as perna” (Mnt., p.14); e de paletó: “dois canudos para os braços” (Mnt., p.15-6).

Ridiculariza também casaca e cartola: aquela, “uma vestimenta preta como carvão, cortinha na frente e com dois rabos atrás”; esta, “canudos de chaminé chamados cartolas” (Mnt., p.16).

- Responde Pedrinho à escrava grega que pergunta sobre luz elétrica: “É algum azeite especial? – Sim, é um azeite feito de vibrações do éter!” (Mnt., p.23).

- Responde, também, ao escultor Fídias, espantado por ouvir falar em automóveis: “Automóveis? Que é isso? – Ah, são uns carros de ferro que andam sem cavalos, isto é, têm os cavalos dentro, H. P. ou Horse-Power, em inglês” (Mnt., p.26).

- Em conversa com Fídias, estupefato com tanta novidade, Emília faz um chorrilho de definições. A citação do diálogo (Mnt., p.277-8) ficaria muito longa; por isso serão destacadas apenas as definições: Cigarro “é um fogueiro, uma brasa que os homens chupam; um rolinho de papel com fumo dentro...”. Papel “é uma espécie de papiro feito em fábricas”. Cachimbo “é um cigarro de barro em vez de papel; um potinho de barro na ponta dum canudo – o canudo de pito”.

- Tão estranha quanto as definições é a conclusão sobre o dano causado à saúde pelo cigarro: “Os médicos dizem que a nicotina é um grande veneno, mas os fumantes respondem: ‘Qual o que!’ Lá no sítio há o tio Barnabé, um negro de mais de noventa anos, que não tira o cachimbo da boca. Os médicos dizem que se ele não fumasse estaria já com cem anos”.

- Dona Benta também responde de maneira extravagante a uma pergunta não menos esquisita de Pedrinho: “Mas então o belo não é o natural ‘escarrado’, vovó?” perguntou o menino. “Não, meu filho. Se fosse, os melhores museus do mundo seriam as escarradeiras, e a maior das artes seria a fotográfica, porque a fotografia reproduz exatamente a natureza...” (Mnt., p.34).

- Assim fala Emília, apresentando o Visconde a um pastor da Tessália: “Ele é um sábio, e os sábios só gostam de carregar coisas na cabeça. São assim porque as coisas que a gente carrega na cabeça não pesam. É a preguiça” (Mnt., p.43).

Em meio a definições bastante esdrúxulas, aparecem algumas bem saborosas:

- Dona Benta define a Grécia comparando-a ao sítio onde mora: “A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas” (Mnt., p.4).

- Tia Nastácia, que Emília descreve, irreverentemente: “beijuda, com reumatismo, nó na tripa, analfabeta, pé chato, gengiva cor de tomate, assassina de frangos, patos e perus, boleira aqui na pontinha, pipoqueira, cocadeira... negra pitadeira dum pito muito preto e fedorento”, é definida carinhosamente como “a Palas Atena lá da cozinha do Picapau Amarelo” (Mnt., p.45).

- Pedrinho explica à tia Nastácia o que era *ágora*, nome que, na fala do narrador aparece no gênero masculino, diferentemente do que temos dicionarizado em português: “o Ágora – a sala de estar da cidade. Todos se

reuniam ali para os negócios, as palestras, as mexericagens – e até para dar lições de filosofia, como Sócrates” (Mnt., p.102).

Se as definições nem sempre são precisas, perpassa o texto um cuidado extremado com a terminologia tanto nas explicações sobre as belezas da Grécia quanto nas explicações do mundo moderno para os gregos. Para limitar a demonstração apenas a dois campos, far-se-á um rol de termos relativos à arquitetura/escultura e à náutica. No que diz respeito à arquitetura/escultura, destacam-se: alegorias do frontão; arquitrave; capitel; coluna dórica; curvatura das colunas; cornija; fachada; folhas de acanto; frisa; frontaria; frontão; métope; “nao”; partenão; pedestal, pentélico; plinto; pórtico; “pronaos”; tríglifo. Relativamente à náutica: almirante, âncora, barco; birreme, boné de capitão, boné de imediato, cais, calar, camarote, comando, cordame, corsário, embarcação, esquadra, frota, guarda-roupa de bordo, iate, imediato, marujo, mastro, milha, milha hidrográfica, porto, proa, remador, tripulante, trirreme.

Das explicações do mundo moderno para os gregos, podem-se destacar termos relativos às artes gráficas usados por Dona Benta, em conversa com Péricles, vivamente interessado diante de um exemplar de *Reinações de Narizinho*: caracteres móveis, celulose, chapa de metal, edição, exemplar, impressão, letras, linhas compostas e fundidas, linotipo, livro, papel, prelo, “tipógrafo mecânico”, tipos, tiragem, tricromia, zincogravura (Mnt., p.84-5). Na cozinha, o espanto dos gregos não era menor, provocando demonstrações de utensílios, de ingredientes e de petiscos: alguns utensílios – caçarola, fogão, fogareiro de álcool, panelas de alumínio, peneira; os ingredientes – açúcar, batata, batatinha inglesa, beterraba, cana, mel, milho; os petiscos – batatas fritas, batatinhas pururucas, farinha doce, pipocas, piruá (Mnt., p.85-6).

Sintomáticas da busca do termo exato são as correções feitas por Emília em alguns diálogos. Assim aconteceu quando Fídias disse: “Estão tocando flautas e liras”. A boneca retrucou: “Lira não se toca – tange-se. – Eles estão tangendo a lira. Tocar, Dona Benta diz que é só para sino ou galinha” (Mnt., p.34).

De outra feita, Pedrinho, vendo Emília de volta, arrastando um cordeirinho, advertiu-a: “Malvada! Largue-o. Não vê como a ovelha-mãe está berrando aflita?”; ao que a boneca corrige: “Balindo. Quem berra sou eu” (Mnt., p.44).

Essa busca de exatidão terminológica aparece também no narrador: “estava (Pedrinho) justamente onde queria – em plena Grécia Heróica, ou melhor, na Hélade Heróica, visto como a palavra Grécia só muito mais tarde iria aparecer. O pastor com que conversara no dia anterior não era ainda um grego, sim um puro heleno” (Mnt., p.48).

Em que pese o rigor terminológico manifesto, a torneirinha de asneiras não perde o vezo da gozação e refere-se ao escultor Fídias, por mais de uma vez, chamando-o de “marmorista”. Assim, diz ao pastor surpreso: “Sua cara está que nem a do ‘marmorista’ Fídias quando lhe contei aquela história do cigarro...” (Mnt., p.50-1).

Ouve-se dizer que a linguagem de Lobato é eivada de neologismos. Contudo, ele os situa entre os vícios da linguagem e faz Quindim explicar:

“Em matéria de palavras a muita mocidade é tão defeito como a muita velhice. O Neologismo tem de envelhecer um bocado antes que receba autorização para residir no centro da cidade” (Mnt., p.12). No papel de narrador, aponta alguns neologismos: “Estavam naquele grupo de Neologismos diversos que os meninos já conheciam, como *Chutar*: que é dar um pontapé; *Bilontra*, que quer dizer um malandro elegante; *Encrenca*, que significa embrulhada, mixórdia, coisa difícil de resolver” (Grm., p.13) (Grifos de Lobato).

Excetuando-se *bilontra*, as duas outras parecem velhas e desde sempre nossas conhecidas. Mas não custa verificar: a palavra é classificada pelo Aurélio (Ferreira, 1999) como “S.f. Bras. RJ”, significando “a madeira do tamanco, antes de se lhe pender o couro ou pano”; e tendo como homônimo o “Adj. 2g. e s.m., Bras.”, com o mesmo significado que tem na obra de Lobato e também em Silva (1958) e Houaiss & Villar (2001). O *Dicionário etimológico* de Cunha (1982) só registra o segundo homônimo, atribuindo-lhe origem controversa e datando a palavra em 1899. Assim, em 1934, data do lançamento da primeira edição da gramática de Emília, a palavra só tinha 35 anos.

Chutar é apontada pelo Aurélio (que diz o mesmo de chute e chuteira) como “Bras”. Cunha diz ser *chute* advinda do inglês *shoot*, e data as palavras no século XX. *Encrenca* é vista no Aurélio como “Bras. e Gir.” Cunha afirma ser de etimologia obscura, datando-a também no século XX.

▪ Emília, em conversa com a velha Etimologia, se diz autora de neologismo, num rol de palavras com a raiz *Caval-* (Caval-eiro, Caval-aria, Caval-gadura, Caval-hada):

- *Caval-ência* - juntou Emília.
- *Esta palavra eu não conheço* - disse a velha, com expressão de surpresa nos olhos.
- *É minha!* - berrou a boneca. - *Foi inventada por mim com a invençõzinha que Deus me deu. Faz parte dos meus “neologismos”.* (Grm., p.39)

São também de lavra da boneca:

▪ *Sherlocar* (Grm., p.56), *sherlockismo* (Grm., p.58), quando busca elucidar a “sumiçãõ” do Visconde de Sabugosa no País da Gramática.

▪ *Boleira*, isto é, fabricante de bolos. Houaiss & Villar (2001) registram o sentido usado por Emília como primeira acepção. Anota como segunda a acepção pejorativa, regionalista (em Portugal) de lésbica. Silva (1958) só registra a segunda acepção. Para a forma masculina *boleiro*, consignada em outra entrada, Silva registra o significado de “aquele que vende bolas” e “banqueiro do jogo de roleta”. Para o masculino, Aurélio registra “aquele que dá o bolo” (falta a compromisso) e, como brasileirismo, gíria, “aquele que leva bola” (aceita suborno), além do uso, no esporte, para significar “gandula”. A acepção de “aquele que leva bola” é mencionada também por Houaiss & Avellar, a par do significado pejorativo de “jogador profissional”.

▪ Como se pode considerar neologismo a atribuição de novo sentido a expressões já conhecidas, Pedrinho também cria neologismo ao dar novo nome para a derivação, numa conversa com Dona Etimologia:

- Mas o povo? Como é que o povo combina entre si palavras já existentes e forma novas.
- Isto lá no sítio se chama “tirar cria” – lembrou Pedrinho.
- Em Gramática se chama Derivação, querendo dizer que uma palavra sai de outra, ou deriva de outra (Grm., p.38).

Em *O Minotauro* podem ser colhidos também vocábulos novos, que parecem cunhados na ocasião ou desviados para outro sentido:

- *Greguismo* por helenismo – “Até a pobre da tia Nastácia de vez em quando vem com uns greguismos!” (Mnt., p.10).
- Mudança de sentido da palavra *picapau* que, dicionarizada *pica-pau*, com hífen, é nome de uma ave, usando-a como gentílico, para designar os habitantes do Sítio do Picapau Amarelo – “O pastor e os três picapaus assistiram ao nascer do sol...” (Mnt., p.50).
- *Inventadamente*, que parece significar: de maneira inventiva, muito pessoal, inusitada – “Leves como eram [as ninfas], dançavam conforme a música, ‘inventadamente’, mal tocando o chão com os pés” (Mnt., p.75).
- *Emilice*, para apontar modo de ser semelhante ao da Emília – “Todos riram da ‘emilice’ do Visconde” (Mnt., p.88).
- *Corredoria* por labirinto, na fala de tia Nastácia – “Mas daqui ninguém sai; isto é uma corredoria que ninguém entende” (Mnt., p.93).

Monteiro Lobato fala, por si mesmo e por seus personagens, de forma bastante precisa, apesar do freqüente destempero verbal. Destempero que, na verdade, foi sentido como libertação, sobretudo por muitas brasileiras de meados do século XX.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, M. A. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e cooperação. *Estudos Lingüísticos – XXIX Anais de seminários do GEL*. Franca: Unifran, 1991.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio eletrônico – Século XXI*. Versão 3.0. Coord. e ed. de Marina Bird Ferreira e Margarida dos Anjos. CD produzido e distribuído por Lexikon Informática. Versão integral do *Novo Dicionário Aurélio – Século XX*, publicado no Rio de Janeiro: Nova Fronteira, nov. 1999.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S. *Dicionário Antônio Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NASCENTES, A. *Dicionário ilustrado da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.
- LOBATO, J. B. M. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. t.2.
- _____. *Emília no país da gramática*. 39.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *O Minotauro*. 36.ed. São Paulo: Brasiliense, 1997

PINTO, E. P. As relações de Lobato com a gramática. *Suplemento Cultural* São Paulo: *O Estado de S. Paulo*, 1978, p.6-7.

SILVA, A. de M. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10.ed. Lisboa: Confluência, 1958.

BORGES, M. Z. Monteiro Lobato's vocabulary in two of his works for children. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.4, p.21-29, 2002.

Abstract: *The purpose of this paper is to study, in the works by Monteiro Lobato, such as *Emília no país da gramática* and *O Minotauro*, the attention given by the author to the lexical area, his findings in the field of neologisms, his care in relation to terminology as well as the extravagance of his definitions.*

Keywords: *Vocabulary; exactness; liberty.*

Ö